



A oca do Jardim Botânico abrigará um centro cultural

Brancos não vão ao Natal dos xavantes

Veio o Natal e o homem branco não assistiu às festas dos xavantes da aldeia Prabuburi, Goiás, que estão no Rio desde a semana passada para construir uma oca no Jardim Botânico. Os 14 índios aguardaram, em vão, a participação de brancos em sua comemoração de Natal. Ontem, voltaram ao trabalho na oca, que deverá estar pronta amanhã e servirá de centro cultural.

Maria Alice Mattoso Câmara, responsável pelo projeto Ecolóquarius que, através da construção deocas em centros urbanos pretende pedir auxílio para diferentes aldeias indígenas, tem queixas:

— É preciso que as pessoas entendam que, com o fim da ditadura, acabou a época da crítica vazia e que o momento é de trabalho.

Praticamente sozinha neste apoio aos xavantes (conta apenas com a família) diz que, até agora, não foi procurada sequer por pessoas que se dizem preocupadas com a causa indígena:

— Não houve telefonemas de indigenistas ou diretores de entidades culturais. Estes xavantes precisam de ajuda material de todo o nível, para vencer toda uma condição que a sociedade lhes impôs. Uma vez com suas terras invadidas, a única saída é a de procurarem recursos através dos próprios invasores.

O auxílio não apareceu nem no Natal. E a ceia do dia 24 — realizada na Escola Alternativa Augusta Matoso Câmara, na Lagoa, onde estão hospedados — foi decepcionante. O índio Eduardo, genro do cacique Juscelino, chegou a se enfeitar todo para receber os convidados, mas ninguém apareceu e ele ontem voltou, triste, para a construção da oca:

— É para lembrar, pelo menos pro governador, que vamos embora no sábado.

Brizola havia prometido recolher donativos para eles, durante visita que aconteceu na sexta-feira passada, ao Palácio das Laranjeiras.

Os xavantes queriam desde tratores, rádios de pilha e gravadores até roupas e sapatos. E ontem, enquanto as mulheres saíam de kombi com Maria Alice para fazer pedidos nas casas do Jardim Botânico e Botafogo, os



Maria Alice deseja apoio

homens continuavam a construir a oca, que deverá estar pronta amanhã. É uma construção de oito metros de diâmetro, por oito de altura, onde funcionará um centro cultural. Os ingressos servirão de donativos para a aldeia.

Para janeiro e fevereiro estão programadas exibições de um filme sobre Cubatão e outro sobre animais em extinção, como mico-leão-dourado, araras e papagaios empalhados. A partir de março, Maria Alice espera trabalhar em conjunto com as redes de ensino.

— Todo este projeto é um grito de esperança em benefício desta gente — diz Maria Alice, acrescentando que em janeiro será a vez do Estado de São Paulo ganhar outra oca em benefício de outra aldeia.

O IBDF cedeu a área do Jardim Botânico e vai cuidar do centro cultural, e a Petrobrás custeou sua execução. Agora, a oca está sendo revestida de bambu, para depois receber a palha; está localizada no Vale das Margaridas e tem como pano de fundo o Cristo Redentor.

Qualquer ajuda a ser destinada aos xavantes de Prabuburi deve ser levada para a Rua Pio Corrêa, 40, Lagoa, onde fica a escola alternativa. O telefone de lá é 226-3259. Pelo menos uma pessoa ficou satisfeita demais com este Natal junto aos xavantes: a filha de Maria Alice, Paula Reputsi (como foi batizada pelos índios), nove anos, que disse que este foi o Natal mais importante que já teve.

Igreja interpela Funai

Brasília — "A Igreja não se recusa ao diálogo em pé de igualdade, com os órgãos competentes, mas não pode converter sua missão numa assessoria ou cobertura de políticas indigenistas que pretendam substituir o enfraquecer a participação dos próprios indígenas neste diálogo." Esta foi a posição manifestada pelo Cimi-Conselho Indigenistas Missionário, cujos dirigentes foram convocados para um diálogo com a Funai pelo atual presidente do órgão, Apoena Meirelles.

Após atuar vários anos como crítico da política indigenista oficial, o Cimi afirma, em documento divulgado em Brasília, que aceita o diálogo entre os representantes da política indigenista oficial e a igreja, desde que ele se faça "com transparência, de forma que a população indígena do País e a opinião pública tenham inteiro conhecimento dos assuntos tratados." Os dirigentes do Cimi assinam que as eventuais reivindicações da Igreja estão ligadas às próprias reivindicações dos índios: demarcação das terras, autodeterminação, reconhecimento de padrões culturais diferenciados da sociedade nacional e con-

dições de uma vida digna e respeitada."

Os missionários, em resposta ao diálogo proposto por Apoena Meirelles, elaboraram um documento: Bases para o diálogo entre a Igreja missionária e o Estado: demarcação e garantia de territórios e o fim da violência; exigências para uma nova política indigenista.

O Cimi faz um balanço da situação vivida pelas comunidades indígenas e pede o afastamento da Funai de funcionários com práticas antiindígenas. "Neste limiar entre um regime autoritário e uma democracia — afirmam — esperamos que também a questão indígena receba um tratamento democrático na formulação da política indigenista oficial, como também na escolha dos funcionários que deveriam executar esta política."

O Cimi quer ainda a punição dos responsáveis pelos crimes cometidos contra índios e missionários nos últimos anos. "A denúncia, o pedido de punição para os criminosos e a exigência de terras demarcadas — afirmam os missionários — não significam revanchismo. É a ruptura com velhas práticas genocidas e etnocidas."